



Eu, meu pai, meu avô, meu irmão: imagens de si e do outro em romances brasileiros contemporâneos

Ana Cláudia Viegas*

A partir da leitura dos romances *De mim já nem se lembra* (2016), de Luiz Ruffato, e *Diário da queda* (2011), de Michel Laub, propomos uma discussão acerca da reconfiguração da subjetividade contemporânea segundo uma concepção dialógica de identidade/alteridade. Tendo como ponto de partida as indagações de Leonor Arfuch (2010) a respeito do “espaço biográfico contemporâneo” – ancoradas, por sua vez, no pensamento dialógico de Mikhail Bakhtin e na perspectiva relacional entre indivíduo e sociedade, de Norbert Elias –, mapearemos processos de elaboração de imagens de si e do outro nas referidas obras ficcionais, reiterando a dimensão narrativa dessa construção. Perguntamo-nos, então, o que pode haver em comum nas duas obras. De um lado, temos um livro formado, em sua maior parte, por cinquenta cartas enviadas por um jovem torneiro mecânico à sua mãe, durante os sete anos em que trabalhou em Diadema, longe de sua família mineira. De outro, encontramos um romance que tem a palavra “diário” no título (ainda que não siga o formato desse gênero textual) e cujo narrador conta um episódio traumático presenciado no início da adolescência, em meio a memórias recompostas a partir dos diários escritos, em diferentes épocas, por seu pai e seu avô judeus.

* Professora associada de Literatura Brasileira da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

No primeiro caso, referimo-nos ao romance *De mim já nem se lembra*, dividido em três partes: “Explicação necessária”, “As cartas” e “Apêndice”. A correspondência a que fizemos menção naturalmente compõe a segunda, onde podemos ler cinquenta cartas assinadas por Célio no período de 2 de fevereiro de 1971 a 5 de março de 1978. Na “Explicação necessária” que as introduz, ficamos sabendo que se trata de um maço de cartas encontradas entre os pertences da mãe do narrador, por ocasião da morte dela, sobre as quais ele afirma, em nota: “As cartas reproduzo-as integralmente, apenas atualizando e corrigindo a ortografia e muito raramente a pontuação – procurei manter sua quase-oralidade” (Ruffato: 2016, 22). Tal comentário simula uma “fidelidade” ao relato do missivista e, portanto, à sua “veracidade”.

Também nessa primeira parte, descobrimos que José Célio é o irmão mais velho do narrador. Ao terminar o curso de torneiro-mecânico no SENAI de Cataguases, cumpre um destino comum a muitos jovens de sua cidade naquele tempo: migra para Diadema em busca de trabalho em uma fábrica.

Meu irmão anunciou. Tem uma firma de São Paulo, eles estão contratando todo mundo, acho que vou ir trabalhar lá. Muda, minha mãe estremeceu. Meu pai comentou. Se for pro seu bem... Minha irmã e eu escutamos, apenas. Tornou, em definitivo, sete anos depois, dentro de um caixão que nem pôde ser descerrado, tão desfigurado o corpo. Um desastre entre Vassouras e Paraíba do Sul: do carro que estreava restaram ferragens contorcidas (2016, 20-1).

O trecho transcrito de “Explicação necessária”, em itálico na própria obra, marca o recuo temporal em relação ao momento

de sua enunciação. Além disso, antecipa o desfecho trágico dessa trajetória em busca de ascensão e sugere toda uma visão crítica em relação aos processos de modernização e industrialização ocorridos no Brasil desde meados do século XX.

Longe da família, as cartas são o meio pelo qual o jovem trabalhador fala sobre a saudade que sente de casa e a solidão de sua vida na cidade industrial: “Foi a primeira vez que passei o aniversário sozinho. [...] De noite, chorei de tristeza, porque queria estar aí com vocês, mas sei que, como fala o pai, a gente tem que tentar melhorar de vida e não pode escolher os caminhos” (Ruffato: 2016, 30). A tentativa de “melhorar de vida” se traduz nos relatos acerca do dinheiro enviado à família, dos presentes levados nas visitas esporádicas à terra natal e da compra de um carro – símbolo de seu progresso financeiro.

A parte final também tem a forma de uma carta, datada de 15 de março de 2008, endereçada a José Célio e assinada por Luiz Ruffato. O nome do autor na assinatura do “Apêndice” reitera o jogo ficcional com alguns “biografemas” (Barthes, 1979) do escritor dispersos ao longo do texto: a cidade de Cataguases, a filha Helena, a referência nas cartas de José Célio a Luizinho, irmão mais novo e muito estudioso. Uma informação relevante é que essa seção não fazia parte da primeira edição da obra, escrita sob encomenda para a coleção “Primeira Pessoa”, da Editora Moderna, e publicada com uma apresentação e uma proposta de atividades voltadas para alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Sua inserção nessa segunda edição redimensiona o jogo entre biografia e ficção presente no romance.

A segunda obra que comentaremos é *Diário da queda*, de Michel Laub, formada por onze partes: “Algumas coisas que sei sobre

meu avô”, “Algumas coisas que sei sobre meu pai”, “Algumas coisas que sei sobre mim”, “Notas (1)”, “Mais algumas coisas que sei sobre meu avô”, “Mais algumas coisas que sei sobre meu pai”, “Mais algumas coisas que sei sobre mim”, “Notas (2)”, “Notas (3)”, “A queda” e “O diário”. Todas têm uma estrutura em fragmentos, conforme os diários, mas sem serem precedidos por datas, como é característico desse gênero textual. Seus subtítulos também não correspondem exatamente ao que é narrado em cada uma das partes. Tanto o narrador fala de si quando anuncia que vai apresentar algumas coisas que sabe sobre seu pai ou avô, como essas informações se misturam às que sabe sobre si mesmo.

Seu pai e seu avô também escreveram diários. Este, sobrevivente de Auschwitz, não faz em seus cadernos qualquer menção aos horrores dessa experiência, nem à sua viagem como imigrante para o Brasil. Preenche-os com verbetes do tipo:

Leite – alimento líquido e de textura cremosa que além de conter cálcio e outras substâncias essenciais ao organismo tem a vantagem de ser muito pouco suscetível ao desenvolvimento de bactérias. O leite é o alimento perfeito para ser bebido por um homem quando ele se prepara para passar a manhã sozinho (Laub: 2011, 78).

A prática de uma “escrita de si” por seu pai se inicia depois do diagnóstico de Alzheimer, num esforço – oposto ao do avô – de não esquecer. Apesar de o narrador afirmar, logo no início do romance, que não gostaria de falar sobre Auschwitz, devido ao excesso de livros e filmes disponíveis sobre os campos de extermínio de judeus na Segunda Guerra Mundial, um evento traumático ocorrido durante sua

adolescência o impede de ignorar esse tema. O que motiva o narrador a escrever sobre suas memórias é a queda de um amigo de escola enquanto comemorava o aniversário de treze anos – idade em que os meninos judeus fazem *Bar Mitzvah* e, por isso, “em todas as festas o aniversariante era jogado treze vezes para cima, uma espécie de rito de iniciação do aniversariante ao mundo adulto, quando ele se tornava o que a expressão em hebraico que dá nome à cerimônia define como *filho do dever*” (Laub: 2011, 16). Estudavam numa escola judaica de elite, onde João “era bolsista e filho de um cobrador de ônibus que já tinha sido visto vendendo algodão-doce no parque” (p. 11). Sua festa não aconteceu num hotel de luxo, como era comum para os outros garotos, mas num “prédio que não tinha elevador nem porteiro” (p. 11). Seguindo o ritual, João foi jogado para o alto treze vezes, “um grupo o segurando nas quedas, como numa rede de bombeiros – nesse dia a rede abriu na décima terceira queda e o aniversariante caiu de costas no chão” (p. 10). A queda não foi um acidente e um dos que deveriam tê-lo segurado era o narrador. Esse momento o acompanhou ao longo da vida em sonhos e lembranças, assim como a imagem do amigo de colete ortopédico se arrastando pelos corredores da escola.

Se na época perguntassem o que me afetava mais, ver o colega daquele jeito ou o fato de meu avô ter passado por Auschwitz, e por afetar quero dizer sentir intensamente, como algo palpável e presente, uma lembrança que não precisa ser evocada para aparecer, eu não hesitaria em dar a resposta (p. 13).

Correspondendo à hipótese de Eurídice Figueiredo de que “o romance hoje se transforma ao utilizar procedimentos das chamadas

escritas de si” (2013, 13), as duas obras aqui tratadas se apropriam de marcas de relatos de caráter autobiográfico – as cartas e os diários, respectivamente – para que seus narradores falem de si através dos outros, assim como esses também estão presentes nessa primeira pessoa que se enuncia.

Ao tratar da correspondência como uma das formas de “escrita de si”, Foucault afirma que

a missiva, texto por definição destinado a outrem, dá também lugar a exercício pessoal. É que, recorda Séneca, quando escrevemos, lemos o que vamos escrevendo exatamente do mesmo modo como ao dizermos qualquer coisa ouvimos o que estamos a dizer. A carta enviada atua, em virtude do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como atua, pela leitura e a releitura, sobre aquele que a recebe (1992, 145).

Por esse duplo processo de abertura do missivista ao conhecimento pelo outro e ao conhecimento de si mesmo, podemos dizer que a carta se aproxima do diário íntimo. No caso das cartas, a presença de um interlocutor na elaboração do discurso se torna mais nítida, já que o remetente, ao mesmo tempo que fala de si, tem sempre o outro como ponto de chegada. Evidencia-se, assim, o caráter dialógico da comunicação e “a caracterização do enunciado como essencialmente *destinado*, marcado por uma prefiguração do destinatário – ‘tal como o imagino’ – e por uma atitude a respeito dele, que é, por sua vez, uma *tensão à resposta*” (Arfuch: 2010, 67).

O uso que o narrador do romance de Ruffato faz das cartas de seu irmão, somado às duas partes que lhes acrescenta para

compor a obra, complexifica a relação entre identidade e alteridade construída pela narrativa. Embora sejam cartas pessoais, dirigidas à mãe, portanto com um tom afetivo, familiar, a identidade desse personagem não se define pela sua singularidade, mas por sua inserção numa determinada sociedade, localizada num tempo e num espaço. A trajetória de José Célio em busca de “melhorar de vida” é comum a diversos rapazes daquela região de Minas Gerais na década de 1970: migrar para a região metropolitana de São Paulo para suprir a crescente demanda de mão de obra na indústria metalúrgica.

Uma legião de adolescentes de espinhas na cara, que nunca havia ultrapassado os morros que cercam Cataguases, enchia os ônibus alugados por firmas de São Paulo, abandonando desconsoladas mães e namoradas, que, contraditoriamente, ansiando pelo sucesso da iniciativa, suspiravam por uma volta que nunca ocorreria. [...] Dividíamos-nos, por essa época, em “os que já haviam ido embora” e “os que ainda não tinham idade para isso” (Ruffato: 2016, 133-4).

Os temas da migração e do desenraizamento, frequentes na obra de Ruffato, ganham aqui um aspecto mais pessoalizado, por se valer do gênero epistolar e de cartas escritas pelo irmão desse narrador homônimo ao autor e endereçadas à mãe de ambos. O pessoal, o familiar, o social se mostram tão imbricados que não há como discerni-los totalmente. Um remete a e se alimenta do outro.

Ao ler as cartas, ao mesmo tempo que vamos conhecendo fragmentariamente o cotidiano de José Célio, breves referências ao crescimento do movimento sindicalista no ABCD paulista e à repressão a esse movimento inserem essa narrativa pessoal, coti-

diana, familiar num movimento coletivo, social, histórico. Aproximamo-nos, portanto, da consideração de Leonor Arfuch (2010) a respeito do biográfico como um espaço intermediário, de mediação ou indecidibilidade entre o público e o privado.

A construção dessa perspectiva tem por base pensadores como Norbert Elias e Mikhail Bakhtin. Do primeiro, a relação de interdependência entre indivíduo e sociedade, que se opõe tanto àqueles que pensam a sociedade como algo supra-individual como aos que se concentram nos indivíduos. Tanto a concepção dos “indivíduos como postes sólidos entre os quais, posteriormente, se pendura o fio dos relacionamentos” como da “sociedade como algo que existe antes e independentemente dos indivíduos” abrem “um intransponível abismo mental entre os fenômenos sociais e individuais”. Em contraponto, Elias afirma ser “necessário desistir de pensar em termos de substâncias isoladas únicas e começar a pensar em termos de relações e funções” (1994, 25).

Arfuch aproxima o pensamento de Elias ao conceito bakhtiniano de “razão dialógica”, no sentido de que ambos partem de uma crítica à noção da razão clássica como primado de um sujeito pensante a partir de sua própria unicidade, base para a dicotomia sujeito/objeto. Em seu lugar, a razão dialógica se define como um processo histórico e compartilhado de conhecimento e reconhecimento, gerador de estruturas comuns de compreensão. O “eu” verdadeiro, mais íntimo e pessoal, não se constituiria, portanto, no abismo de uma singularidade ameaçada pela sociedade, mas justamente nessa trama de relações sociais da qual emerge e na qual se inscreve. A concepção de identidade que guia suas indagações é “a de um sujeito não essencial, constitutivamente incompleto e, portanto, aberto a identificações múltiplas, em tensão com o outro, o diferente, através

de posicionamentos contingentes que é chamado a ter” (Arfuch: 2010, 80) – tanto pelo desejo como por determinações do social.

A participação do outro em meu enunciado, prévia a todo ato de comunicação pensado de forma dialógica, tem seu correlato na ideia de uma linguagem outra, habitada por vozes que ali deixaram seu rastro, apontando para a relação entre os discursos e a deriva de significações expressas pelo tão conhecido conceito de “intertextualidade”, cunhado a partir da leitura francesa da obra de Bakhtin no final dos anos 1960.

Ecoam na obra mais recente de Ruffato todos os seus livros anteriores, que escrevem e reescrevem a história de personagens nascidas no século XX, entre Rodeiro e Cataguases, e que migraram para São Paulo e Rio de Janeiro. Daí sua autodefinição como “escritor monotemático”, cujos temas são imigração, desterritorialização e perda da identidade em função do deslocamento espacial.

Na obra de Laub, a construção da identidade do narrador se faz sempre em diálogo com os diários escritos por seu pai e seu avô, tecendo uma trama narrativa que transborda do contexto ficcional pela constante referência ao clássico testemunho de Primo Levi, *É isto um homem?*: “Ao contrário do meu avô, ele se preocupou em registrar cada detalhe da rotina do campo, desde a chegada, em 1944, até a libertação pelo Exército Vermelho já no fim da guerra” (Laub: 2011, 76).

A obra de Levi tem um papel central na caracterização das narrativas de testemunho e até mesmo na criação de um campo de estudos em torno desse gênero textual, de modo que sua citação funciona como uma espécie de metonímia dos diversos relatos, filmes, livros, reportagens, ensaios, de “gerações de historiadores e filósofos e artistas que dedicaram suas vidas a acrescentar notas de pé de página a esse material”

(2011, 9). Um excesso diante do qual o narrador afirma que “nem por um segundo [lhe] ocorreria repetir essas ideias se elas não fossem, em algum ponto, essenciais para que [ele] possa também falar do [seu] avô, e por consequência do [seu] pai, e por consequência de [si]” (2011, 9).

Foi após ter lido os cadernos escritos com letra miúda por seu avô, ao longo dos últimos anos de vida, que “essa experiência passou a ser não apenas histórica, não apenas coletiva, não apenas referente a uma moral abstrata” (p. 15). E afirma: “Se eu tivesse que falar de algo meu, começaria com a história do colega que caiu na festa” (p. 15). História esta que permeia toda a sua narrativa, misturada às memórias de seu pai, ao que seu pai falava sobre seu avô, aos diários de ambos. Falar de algo seu implica necessariamente falar do outro. E são as histórias dos outros (como a de Auschwitz, onde seu avô esteve) que tornam sua culpa em relação à queda do colega pobre e não judeu tão importante e necessária de ser contada.

A última carta do romance epistolar de Ruffato – seu livro de contornos mais claramente autoficcionais – retoma uma fotografia que “cristalizou” a última reunião familiar a que o irmão José Célio esteve presente:

Aquele agosto cristalizou-se numa fotografia, a única em que aparecemos juntos, um retrato meio desfocado tirado não sei por quem na praça Rui Barbosa, e que hoje adorna a estante da minha sala. De pé, braços dados com a Celeste, que você havia conhecido recentemente, ambos sorridentes, eu na frente de vocês, atrás uma sibipiruna, meio carrinho de picolé. [...] seus olhos miram o retratista e o que vemos é a imagem de alguém que parecia saber que nunca iria frutificar (2016, 135-6).

Ao contrário da obra de Ruffato, que se encerra com a descrição dessa cena congelada num momento passado, o livro de Laub se abre para o futuro, já que o narrador se dirige, nos últimos fragmentos, ao filho que decidiu ter: “tudo ainda pela frente, a partir do dia em que você nascer” (Laub: 2011, 151).

O tempo e a memória são a matéria dessas e de outras narrativas nas quais se tecem imagens de si pelo outro e dos outros que habitam em nós.

Referências

- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. Lisboa: Edições 70, 1979.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- FIGUEIREDO, Eurídice. *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- FOUCAULT, Michel. “A escrita de si”. In: _____. *O que é um autor?*. Lisboa: Passagens, 1992, pp. 129-60.
- LAUB, Michel. *Diário da queda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- RUFFATO, Luiz. *De mim já nem se lembra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Resumo

A partir da leitura dos romances *De mim já nem se lembra* (2016), de Luiz Ruffato, e *Diário da queda* (2011), de Michel Laub, propomos uma discussão acerca da reconfiguração da subjetividade contemporânea, segundo uma concepção dialógica de identidade/alteridade. Tendo como ponto de partida as indagações de Leonor Arfuch a respeito do “espaço biográfico contemporâneo” – ancoradas, por sua vez, no pensamento dialógico de Mikhail Bakhtin e na perspectiva relacional entre indivíduo e sociedade, de Norbert Elias –, mapearemos processos de construção de imagens de si e do outro nas referidas obras ficcionais, reiterando a dimensão narrativa dessa construção.

Palavras-chave: **ficção brasileira contemporânea; identidade; alteridade.**

Abstract

From the reading of the novels *De mim já nem se lembra* (2016), by Luiz Ruffato, and *Diário da queda* (2011), by Michel Laub, we propose a discussion about reconfiguration of contemporary subjectivity, according to a dialogical conception of identity/otherness. Taking as its starting point Leonor Arfuch's inquiries about “contemporary biographical space” – anchored, in turn, in the dialogical thinking of Mikhail Bakhtin and in the relational perspective between individual and society, by Norbert Elias –, we will map processes of construction of images of oneself and the other in the mentioned fictional works, reiterating the narrative dimension of this construction.

Keywords: **contemporary Brazilian fiction; identity; otherness.**